

OS “HERÓIS” DO SERTÃO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS CANGACEIROS E SUAS REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA DE CORDEL.

Carlos André Bezerra Soares
Thiago Rafael Oliveira¹

Resumo: Enveredamos pela História dos cangaceiros e encontramos um rico caminho a ser percorrido pelos historiadores com vista a destrinchar e trazer à tona as discussões sobre o vivido destes. Desse modo percorremos os tortuosos caminhos que nos levam a memória em busca dos rastros deixados no passado. O vivido dos cangaceiros é representado das mais variadas formas com intuito de deixar “viva” a cultura nordestina e a nossa nordestinidade, isto muitas vezes apreço de forma romanceada, pois é a intenção que se tem, de se mostrar como algo que fique instaurado num sentimento. Os cangaceiros se inserem neste contexto sendo representado como “heróis do sertão”, exemplificamos isto nas figuras destes personagens que são vistos nos mais diversos campos das artes, mas diretamente neste trabalho, a literatura de cordel. O cordel funciona como emblemática representação do cangaço, exaltando figuras e personagens e as representações que lhes mostram no campo imagético como seres portadores da heroicidade nordestina. São estes “heróis” que nos desembocaram num sem numero de noções acerca da difícil relação entre historia e memória e neste traçado, procuramos perceber a projeção que se tem da figura romantizada do cangaceiro.

Palavras chave: memória; cangaço; representações; “heróis”.

Introdução

Como uma agulha que carrega consigo uma linha e que transita nas mãos de uma boa costureira nos caminhos tortuosos do tecido, a fim de deixar nessas tramas uma peça que renderá contribuições dentre de determinado meio. Acreditamos que devemos ser a costureira que ajudados por nossas agulhas historiográficas e nossas linhas temáticas devemos percorrer o tortuoso caminho de construção dentro do campo da história.

Desta maneira procuramos trazer para o debate uma temática que se faz presente nas tramas da historia nordestina. O cangaço que sempre é exaltado como sendo uma representação da heroicidade de uma região como um todo, muitas vezes relegando a esta região homogeneidade que ela de fato não tem. Dentro desse mundo do cangaço, direcionamos nosso trabalho para discussão de como o cangaceiro, principalmente os que tiveram mais repercussão. Nesse sentido escolhemos trabalhar com a imagem de Lampião e Antonio Silvino. Todavia fazemos isso com intuito de revelar como estes enfaticamente carregam atribuições de “heróis”, construindo assim quase uma mitificação em torno deles, os

¹ Graduandos do curso de Licenciatura em História, na Universidade Federal de Campina Grande.

mostrando como mensageiros de todo o povo do nordeste. Para o debate trouxemos a pauta o aparecimento dos cangaceiros ditos, na literatura de cordel, percebendo como a formação deste tipo de literatura também forma essas idéias.

Nesse momento de modo mais claro procuraremos debater dois cordéis que levam os nomes de Lampião e Antonio Silvino em seus títulos, para refletir como essa literatura é um ponto de representação desses cangaceiros que estamos tratando aqui como uma literatura que rememora e comemora. Todavia ao discutirmos essa produção temos o cuidado de mostrar um pequeno debate acerca das identidades para que não se caia numa fluidez² identitária que eleva o sujeito há uma pretensa passividade quanto a sua identidade, e pensar como apesar das construções e das dificuldades nas memórias e na domesticação³ destas, isto deve ser pensado com cuidado principalmente sobre as sensibilidades, lembrando as permanências mesmo nas apropriações culturais.

Por outro lado não podíamos deixar de discutir, mas apegadamente, em como as memórias aparecem na literatura de cordel. Sabendo que não podemos nos apegar há uma memória e sim a fragmentos dela. Encontramos nos dois cordéis analisados uma tentativa de homogeneizar e, portanto de trazer comemorações.

De maneira mais geral tratamos do cangaceiro na figura de dois sujeitos e de como suas memórias são representadas na literatura de cordel, trazendo à tona as representações e o caminho que suas memórias têm até chegar àquela literatura, deste modo revelamos um debate acerca da heroicidade do cangaço tendo como intuito enfatizar que há uma carga estereotipada na construção, e no caso impulsionado pela literatura de cordel.

O “herói” na literatura de cordel

No meu cangaço de cabra macho,
Tem faca e facão pra fazer refrão.
Tem lamparina pra lumiar a noite,
No mato que falta luar do sertão.⁴

² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2005;

³ Ver em: SALGADO, Manoel Luiz. Escrever a história, domesticar o passado. In: Lopes, Antonio H. **História e Linguagens**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.

⁴ O cangaço. Música do grupo cabruera.

Esse trecho de uma musica revela bem o que se pensa quando falamos em cangaceiro no sertão. O homem que é representado pelos mais variados discursos como o “herói”. É nesse sentido que poderíamos pensar nessa representação tendo como ponto de análise uma literatura popular que são os cordéis e como estes aparecem enquanto uma reflexão apoiada em diversos diálogos seja no campo religioso ou mesmo a ligação desses com terra e o que esta representava para eles do ponto de vista do conhecimento. Portanto fazendo assim uma discussão em torno do “poder” que esses homens tinham e tem junto aos populares e também com vista a montar o imaginário acerca do ser um “herói” do sertão defensor dos pobres e oprimidos e que sempre é corajoso e lutador.

O cangaceiro através do cordel aparece na literatura como o “super homem” que o nordeste tem e que luta contra os “inimigos” num contexto mais geral contra o estado que sempre excluía o “povo nordestino”. É desta forma que nas memórias contidas nos cordéis estes feitos geralmente aparecem como um ponto de comemoração desses sujeitos.

Mas até que ponto estes cangaceiros que são construídos e mitificados por esta literatura que estamos vendo. São mesmo partes do ser nordestino? Isso é uma construção que se encerra. E os signos do cangaço que se mantém no nordeste ainda representam algo? O cangaceiro faz parte de nossas identidades enquanto essência? São estes eixos que levantamos aqui.

Todas as representações que são feitas nestes cordéis se valem de um discurso do qual também apóiam esses “heróis” no entrelaçamento com o religioso, nesse momento vemos a formação do um cangaceiro que luta também pautada sobre uma religião que na maioria das vezes seria o catolicismo que servia como um refúgio espiritual para aqueles homens que lutavam, matavam e combatiam. No poder religioso há em suma uma pluma que suavizava a o espírito.

Nesse caso percebemos no cordel dos repentistas Antonio Jocélio e Zé Vicente a alusão a chagada de lampião (talvez o mais lembrado personagem do cangaço) ao céu e a confusão deste com são Pedro pedindo o auxílio a padre Cícero que fora em ajuda ao seu afilhado e diz:

Alguns minutos o padre
Com uma Bíblia na mão
Ao ver Pedro lhe indagou:
O que há para aflição?

Quem lá fora tenta entrar
E também um ser cristão

São Pedro disse: absurdo
Que terminou de falar
Mas Cícero foi taxativo:
Vim a confusão sanar
Só escute o réu primeiro
Antes de você julgar.

Não precisa ele entrar
Nesta sagrada mansão
O receba na guarita
Onde fica a guarnição
Com certeza há muitos anos
Nos busca aproximação.

Vou abrir esta exceção
Falou Pedro insatisfeito
O nosso reino sagrado
Merece muito respeito
Virou-se para São Paulo:
Vá buscar este sujeito.

Lampião tirou o chapéu
Descalço também ficou
Avistando o seu padrinho
Aos seus pés se ajoelhou
O encontro foi marcante
De emoção Pedro chorou

Ao ver Pedro transformado
Levantou-se e foi dizendo:
Sou um homem injustiçado
E por isso estou sofrendo
Circula em torno de mim
Só mesmo o lado ruim
Como herói não estão me vendo.

Sou o Capitão Virgulino
Guerrilheiro do sertão
Defendi o nordestino
Da mais terrível aflição
Por culpa duma polícia
Que promovia malícia
Extorquindo o cidadão.

Percebe-se neste trecho uma percepção interessante. Toda essa construção de um “herói” passa também por o campo do religioso e não apenas como dissemos acima por ser na religião que o homem do cangaço como lampião encontra um conforto espiritual, mas também porque este religioso é parte principal da maioria da sociedade nordestina da época.

No trecho apresentado do cordel isto aparece como elemento de legitimação. Na porta de entrada no céu, o injustiçado que aqui na terra que houvera tido as praticas do cangaço como uma luta contra a injustiça por uma região e usaria desse discurso como algo que o mostrasse como um ser próximo do divino. O enfoque na região denota a intenção do cordel de realmente apresentar lampião como um homem carregador de uma grande heroicidade como a demonstrada.

Deste modo percebemos neste trecho uma representação da religião como um poder legitimador se no caso acima legitimaria a entrada de lampião no céu, na disputas do cangaço o legitimaria junto ao povo como um cristão temente a deus. Isto numa crença religiosa que é muito forte e presente no nordeste, portanto é real.

Este diálogo com a religião é algo que vai aparelhar a escrita do cordel em torno de cangaceiros, enquanto uma literatura popular este cordel por, mais que tenha seus resquícios numa cultura erudita⁵, se aproxima muito por suas características até mesmo de formação estrutural das pessoas. Dito isto atentemos nós nesse dialogo com o campo religioso para intenção que se tem ao escrever. Ao mencionar o próprio titulo a *chegada de lampião ao céu* já nos remete a preocupação em mostrar o cangaceiro próximo ao céu transitando pelo imaginário religioso, mais especificamente o católico que predominava.

Neste segmento de construção e (nos outros também) o autor sempre fala de algum lugar com alguma intenção no caso da literatura de cordel se tenta “simplificar” através de poesia e tem assim uma finalidade de abrangência e massificação o que facilita no fenômeno de comemoração de algum mito no caso aqui o cangaceiro. A religião sempre aparecerá, sobretudo quando se falará de cordel sendo uma tradição nordestina.

De maneira bem entrelaçada sempre o discurso religioso leva-nos a outros discursos. Queremos lembrar aqui ainda na ligação deste homem nordestino que era o cangaceiro com a terra onde o conhecimento aparece como uma inteligência (e de fato é) que ajuda a construir esse sujeito tão “poderoso”. Nesse sentido vejamos a leitura de um trecho do cordel de Leonardo Gomes de Barros acerca de *Antonio Silvino o rei dos cangaceiros*:

Porque a tua presença,
Fez toda a força ir embora,
O ronco que tu soltasses,

⁵ CHARTIER, Roger, Leituras e leitores “populares” da Renascença ao período Clássico. in: Guglielmo Cavallo; Roger Chatier (Org.) *História da leitura no mundo ocidental*; o autor transita entre a ideia de popular e erudito.

encheu-me a barriga agora,
Eu com a sede que estava,
Não durava meia hora.

E é agora o que faço,
Havendo perseguição,
Procuro uma gruta assim
E lá faço habitação,
Só levo lá, um, dous rifles
E o saco de munição.

Me mudo para uma furna
Que ninguém sabe onde é,
A furna tem meia língua
Marcando de vante a ré,
A onça chega na boca
Mas dentro não põe o pé.

A onça conhece a furna,
Desde a entrada à saída
Porém qual é essa fera
Que não tem amor à vida?
Uma onça parte assim,
Se vendo quase perdida!

Essa representação de um conhecimento de furnas e de uma quase cumplicidade com a onça revela a proximidade com o rural com o campo com o mato o que pode ser entendido como um reflexo que a maioria das obras de cunho cultural teve e ainda tem no nordeste, sendo assim uma preocupação que devemos ter, sobretudo quando pensamos nisto muito fechado ou como um globo que se não se abre as transformações⁶, neste caso o trecho nos leva a imaginar uma poder do homem que vem também do seu contato com a natureza e com as possibilidades que esta lhe traria. O “herói” também se formava a partir de sua relação com a natureza e essa lhe daria em contramão a possibilidade de ser esse homem que luta e por conhecê-la tem mais condições de se apresentar como um vencedor daquela natureza, que no caso citado por nós aqui é estereotipado como o bioma caatinga e como o seco que revela ainda mais a problemática de ter que ser muito forte para sobreviver ali. É evidente que não

⁶ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Enredos da tradição: a invenção da região Nordeste do Brasil. In: LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica. estamos fazendo referência aqui do perigoso que tratar os enredos da tradição sem que os sujeitos do nordeste sejam participantes ativos das transformações. Também lembramos que estar fechado não é resultado do apego ao tradicional apenas e que estas construções de heroísmo e “inferioridade” nordestina não se cristalizam em suas tradições e muito menos que estas não sejam a importantes tendo em mente permanências na construção do ser.

usamos isso como um determinismo, mas sim como uma grande junção que o cangaceiro tem e que é enfatizado na passagem do cordel.

Dessa forma nas incursões feitas sobre nos dois discursos, tanto o religioso quanto o que relaciona a heroicidade do cordel com a relação do sujeito com a natureza, percebemos que se constrói um imaginário acerca da coragem e também do cangaceiro como o defensor do nordeste que se tem enquanto uma região vista quase como homogeneizada. Lembrando que essa construção não se dá pelo poder econômico percebemos que isso acontece pelo o que representa simbolicamente. Os símbolos exercem ainda hoje uma capacidade de manter o cangaceiro como norteador do “herói” nordestino. Se o sujeito já não está mais presente os signos deles estão ali e se fazem enquanto uma representação. Estas representações sejam por signos ou por literatura apreço nos dois cordéis analisados. Como abordam Antônio Jocélio, Zé Vicente e Leonardo Barros de Gomes em partes de: *a chegada de lampião no céu e Antônio Silvino o rei dos cangaceiros* respectivamente:

Mas o que devo a visita
Pedro fez indagação
Lampião sem bater vista:
Vê padim Ciço Romão
Pra antes do ano novo
Mandar chuva pro meu povo
Você só manda trovão

Pedro disse: é malcriado
Nem o diabo lhe aceitou
Saia já seu excomungado
Sua hora já esgotou
Volte lá pro seu Nordeste
Que só o cabra da peste
Com você se acostumou.

Eu já sei como se passa
Cinco dias sem comer,
Quatro noites sem dormir,
Um mês sem água beber,
Conheço as furnas onde durmo
Uma noite se chover.

Uma semana de fome,
Não me faz precipitar,
Mato cinco ou seis calangos
Boto no sol a secar,

Quatro ou cinco lagartixas,
Dão muito bem um jantar.

Nos dois trechos percebe-se como se molda a ideia um sujeito forte e corajoso tanto é assim que até o próprio Pedro é enfrentado por lampião, ou seja, homens com coragem associados ao poder de resistir e que se fazem algo é porque são defensores do nordeste e de seu povo, no caso o nordestino reafirmando assim a imagem do “cabra da peste”.

É preciso que se tenha cuidado com esse poder simbólico falado anteriormente (e que não é apenas simbólico é também um poder através da força), pois ele estereotipa, mas assim dizendo não estamos querendo colocar isso tudo sobre o âmbito do discurso e que tudo isso não passa de uma invenção como lembraria Albuquerque Junior⁷, pensamos que estas representações refletem sim algo principalmente quanto as identidades que podem ser metamórficas, mas que carregam consigo traços inerentes ao ser nordestino. Para isso poderíamos lembrar as sensibilidades que nos remetem sempre a esses símbolos e nesse sentido acharíamos o cangaceiro discutido como um ser que carrega consigo algo de nordestino. No entanto há que se revelar como ele é representado a fim de pensar as possibilidades e dificuldades de traçar um caminho até as memórias e como estas memórias são reveladas nos cordéis.

O cangaceiro e a “vida” na literatura de cordel.

O tema do esquecimento também permeia aqueles que buscam incessantemente pela questão da memória. E é nesse entremeio de memória e esquecimento que habitam os perigos dos abusos de memória, não apenas como uma simples subjeção, mas também como formas no modo de discurso e representação. Observamos essa formulação em passagens de Ricoeur⁶, onde o mesmo nos diz:

Há uma modalidade do ato de fazer memória que se dá como prática por excelência, a saber, a memorização, que importa distinguir rigorosamente da rememoração. Com a rememoração, enfatiza-se o retorno à consciência despertada de um acontecimento reconhecido como tendo ocorrido antes do momento em que esta declara tê-lo sentido, percebido, sabido.⁸

⁷ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Enredos da tradição: a invenção da região Nordeste do Brasil. In: LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica. Nesse momento falamos da importância que tem a prática discursiva, mas lembramos que nem tudo pode ser analisada a partir disso na história.

⁸ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.p 73.

Nesse enunciado pode-se perceber que há um perigo entre memorizar e rememorar, pois como observamos em diversas passagens da história, o abuso (de memória) pode vir acompanhado à memória.

Mas, como podemos aplicar esses conceitos na literatura de cordel que trata do cangaço? Podemos observar que os cangaceiros são retratados no cordel como “heróis”, devido a uma questão cultural, onde se buscou gradativamente certa identidade para o nordestino, e a essa busca aplicou-se o viés de uma “transformação” de determinadas figuras em ícones, sejam eles de nordestinidade ou não. O que buscamos observar com esses apontamentos é justamente a figuração dos “heróis do sertão” como um lugar de memória, e a literatura de cordel entra nesse contexto como um vetor de aplicação dessas memórias, onde é feita uma busca por um lugar de memória próprio, nesse caso, a memória das histórias do povo nordestino.

Falando agora do tema do esquecimento, a preocupação que se tem em rememorar as trajetórias de um povo ou de determinados sujeitos históricos de um povo, espelha-se na necessidade de mostrar aos que o qual a carga de identidade que vem acoplada a esse sujeito, de modo que existam fontes de rememoração, para além de uma lembrança. Podemos observar essa preocupação no cordel de Guaipuan Vieira, onde o mesmo mostra uma figura sagaz de Lampião, que consegue “pregar peças” até no céu dos cristãos, representado no fragmento do cordel abaixo:

Lampião lhe respondeu:
Mas que santo é o senhor?
Não aprendeu com Jesus
Excluir ódio e rancor?...
Trago paz nesta missão
Não precisa ter temor.

Disse Pedro isso é blasfêmia
É bastante astucioso
Pistoleiro e cangaceiro
Esse povo é impiedoso
Não ganharão o perdão
Do santo Pai Poderoso

Inda mais tem sua má fama
Vez por outra comentada
Quando há um julgamento
Duma alma tão penada
Porque fora violenta
Em sua vida é baseada.

É válido também notar a presença do discurso heroicista no cordel de Leandro Gomes de Barros, onde, retratando Antônio Silvino, o cordelista lhe dá uma áurea de mitificação:

O governo diz que paga
Ao homem que me der fim,
Porém por todo dinheiro
Quem se atreve a vir a mim?
Não há um só que se atreva
A ganhar dinheiro assim.

Há homens na nossa terra
Mais ligeiros do que gato,
Porém conhece meu rifle
E sabe como eu me bato,
Puxa uma onça da furna,
Mas não me tira do mato.

Telegrafei ao governo
E ele lá recebeu,
Mandei-lhe dizer: doutor,
Cuide lá no que for seu,
A capital lhe pertence
Porém o estado é meu.

Esses aspectos contidos em cordéis, principalmente os que tratam do cangaço, nos fazem refletir sobre o discurso de memória que eles nos apresentam, clamando por um lugar na espacialidade mítica nordestina, de modo que não se possa mais haver um esquecimento. Tendo em vista o que podemos descrever como uma rememoração contínua, os cordéis estudados nos apresentam aspectos que podem ser descritos como “encaixes da memória coletiva nordestina, fator esse apresentado através da valentia dos cangaceiros, estereotipando o homem nordestino como “cabra macho” ou “cabra da peste”, e esse cangaceiro valente, destemido e cheio de soluções é justamente o que os cordelistas tentam nos mostrar, encobrindo determinados fatores que poderiam ser também mostrados nos cordéis.

O desafio a que esses “rememoradores” se propõem é justamente o caminho que vários outros literatos de determinadas décadas da história também buscam. O escrever para não esquecer e o lembrar para comemorar⁹, de modo que não haja esquecimento e que as histórias de seu povo não caiam na penumbra da história, e pra isso é preciso uma determinada quantidade de abusos de memória. Tomando Harald Weinrich como referência,

⁹ Ver em: WEINRICH, Harald. *Lete. Arte e crítica do esquecimento*. Tradução Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

podemos dizer que a memória contém um paradigma que nos leva a escolher entre ela e o esquecimento, e, como supracitado, nesse meio pode haver o perigo de abuso. Citando o próprio Weinrich: “Simplesmente pensar descontroladamente no passado ou no futuro pode já ser um erro grave que nunca se poderá corrigir” (WEINRICH, 1999: 263). Essa preocupação em tentar controlar as lembranças se deve justamente ao perigo de transgredir alguns aspectos verdadeiros acerca do que realmente ocorreu, de uma forma ou de outra, lembrar é preciso, mas tomando os cuidados para não cair num viés de ficção ou de abusos de memória.

Conclusão

Com estes breves apontamentos, procuramos aqui debater e refletir acerca das construções identitárias formadas a partir da literatura de cordel, e sua leva de aspectos que determinam um tipo de figuração da imagem dos cangaceiros, construída através de discursos que tentam fazer a ponte entre lembrar e comemorar, cercados de representações e símbolos que remetem a um estereótipo de “herói”, e que buscam demonstrar o cangaço como uma forma de resistência e uma fábrica de ícones para a cultura nordestina.

A questão da memória coletiva também remete à comemoração contida nas memórias individuais, formando assim, gradativamente, um tipo de identidade entrelaçada com a memória agindo continuamente. É preciso entender que todas essas experiências de memória contidas na literatura de cordel e em outros tipos de literatura remetem ao intuito de lembrar, e com isso carrega todo o peso do medo do esquecimento.

Portanto fizemos aqui um trabalho que visa revelar um debate acerca do ser nordestino enfatizando a heroicidade, todavia trazemos essa temática não com o intuito de desconstrução mas sim para divulgarmos que essa identidade nordestina sofre assim como tantas, entretanto as identidades estão vivas e formadas historicamente e presentes nos símbolos, nas práticas e nas representações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de, *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*, São Paulo/Recife, Cortez/Masangana, 1999.

_____. Enredos da tradição: a invenção da região Nordeste do Brasil. In: LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

CHARTIER, Roger.. *A história cultural entre práticas e representações* Lisboa: Difel, 1998.

_____. Leituras e leitores “populares” da Renascença ao período Clássico. in:

Guglielmo Cavallo; Roger Chartier (Org.) *História da leitura no mundo ocidental*; o autor transita entre a ideia de popular e erudito.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2005;

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Campinas: editora da Unicamp, 2007.

SALGADO, Manoel Luiz. Escrever a história, domesticar o passado. In: Lopes, Antonio H. **História e Linguagens**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.

WEINRICH, Harald. **Lete. Arte e crítica do esquecimento**. Tradução Lya Luft. Rio de Janeiro :Civilização Brasileira, 2001.

CORDÉIS UTILIZADOS

A chegada de Lampião no Céu – Guaipuan Vieira. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/rd000001.pdf>

Antônio Silvino - O rei dos cangaceiros – Leandro Gomes de Barros. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000012.pdf>